

A televisão no Rio Grande Do Norte: A identificação de uma nova ecologia do meio.

Francisco das Chagas Sales Júnior¹
Valquíria Aparecida Passos Kneipp²

1 – Introdução

A produção local de TV tem início no Rio Grande do Norte em 1972, com o projeto de transmissões de teleaulas para escolas públicas, e que depois passaria a ser a TV Universitária. Apenas em 1987 é que a primeira emissora comercial se instalou no estado, a TV Ponta Negra. No mesmo ano surgem a TV Cabugi e a TV Tropical (KNEIPP, 2017). Ao analisar a trajetória da televisão potiguar, verificam-se momentos importantes para a expansão das emissoras pelo estado, marcados por acontecimentos sociais, culturais, econômicos e políticos.

Este estudo faz parte de uma pesquisa de doutorado e se mostra oportuna e relevante porque busca desenvolver o saber científico sobre a TV no Brasil. A periodização da trajetória da TV potiguar, pretende contribuir para a produção de conhecimento regional, para futuros estudos quanto para o ensino na área da comunicação. Essa investigação pretende também compreender a relação da televisão potiguar com a sociedade. Por isso, pretende identificar, analisar e propor a delimitação das fases de desenvolvimento da TV no Rio Grande do Norte. A partir desse estudo será possível identificar e construir conceitualmente uma proposta de ecologia da televisão regional.

2 – Metodologia

O instrumental metodológico constitui-se por meio de um estudo de caso da trajetória da TV potiguar, para a posterior construção de uma periodização, para delimitar as fases da televisão. As análises documentais e bibliográficas permearão toda a pesquisa.

3 – Resultados parciais e discussão

¹ Doutorando pelo Programa Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre também pelo PPgEM da UFRN. Bacharel graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela UFRN. Atua na televisão aberta do Rio Grande do Norte desde 2007, com passagens pela TV Universitária (TV Brasil), Sim TV (Rede TV) e Inter TV Cabugi (TV Globo). Atualmente trabalha na TV Assembleia RN. Contato: jornalistafranciscojunior@gmail.com

² Pós-doutora em Comunicação (Unesp – Bauru), doutora e mestre em Ciência da Comunicação – (Escola de Comunicações e Artes da USP), graduada Comunicação Social – Jornalismo (Unesp – Bauru), professora Associada do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), líder da linha de Estudos da Mídia e Práticas Sociais do grupo de Estudos da Nova Ecologia dos Meios do CNPq, Diretora de Comunicação da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (2019-2023). Contato: valquiriakneipp@yahoo.com.br

A partir dos estudos sobre a TV no Brasil, observa-se que a evolução da televisão do Rio Grande do Norte pode ser dividida em quatro fases diferentes, que seguem em paralelo ou bem próximas às fases da televisão brasileira, pesquisadas por Mattos (2010)³. No entanto, em recortes temporais diferentes e com as especificidades das emissoras potiguares.

A primeira fase é marcada pelos 15 anos em que a TV Universitária foi a única emissora do estado, com produção e transmissão de conteúdo local (PEDROZA, 2017). Uma segunda fase de expansão é observada a partir de 1987 quando entraram no ar as quatro primeiras emissoras comerciais do Rio Grande do Norte, investindo em uma programação mais profissionalizada.

A terceira fase da televisão potiguar é marcada pela transição administrativa, quando algumas emissoras enfrentaram crises e foram vendidas para outros grupos empresariais (SALES JÚNIOR; KNEIPP, 2019). Paralelamente a isso, ocorreu também o processo de transição tecnológica, com a inauguração dos primeiros canais digitais, em 2010.

Concluído esse período, começa a quarta fase marcada pela qualidade digital, a mobilidade e a uma maior interatividade com o público, que passa a participar mais ativamente na produção de conteúdo (KNEIPP; SALES JÚNIOR, 2020).

Acredita-se que com o início das transmissões digitais, a TV se desenvolveu e busca continuar como um veículo ativo, atual e dinâmico num mundo cada vez mais conectado (JOST, 2011). Williams (2016, p. 26) apresenta a TV como resultado de uma mudança social que “já está ocorrendo ou está prestes a ocorrer”. Por isso, pode-se dizer que a mídia constitui um lugar social onde as pessoas podem se comunicar e criarem novas relações de linguagem e entendimento (HALL, 2000). Observamos ainda que se mudou a concepção do que seja televisão na atualidade. Por isso, Cannito (2010) acredita que “a televisão é, além de um aparelho, um tipo de conteúdo” (CANNITO, 2010). O que não representa o fim da televisão tradicional. Para Wolf (2015, p. 29), “entre todas as apostas a serem feitas, talvez a menos segura seja que as pessoas vão parar de assistir à TV, mesmo que parem de assistir TV”.

4 – Conclusões parciais

Ao analisar a trajetória da TV no Rio Grande do Norte, identificou-se as fases que marcaram o crescimento desse veículo no estado. Mais do que acontecimentos sociais, econômicos e políticos, observou-se o desenvolvimento da tecnologia e a relação com a sociedade. Uma interação que foi

³ De acordo com Mattos (2010), a trajetória da TV brasileira pode ser dividida em sete fases distintas: A fase elitista (1950 – 1964); A fase populista (1964 – 1975); A fase do desenvolvimento tecnológico (1975 – 1985); A fase da transição e expansão internacional (1985 – 1990); A fase da globalização e da TV paga (1990 – 2000); A fase da convergência e da qualidade digital (2000 – 2010) e Fase da portabilidade, mobilidade e interatividade digital (de 2010 até os dias atuais).

sendo modificada e intensificada com o início das transmissões digitais. O que mudou não foi apenas a forma de recepção do conteúdo, mas principalmente o conceito do que venha a ser televisão regional. Por causa dessa percepção, o presente estudo segue em curso buscando identificar e construir conceitualmente a uma proposta de nova ecologia da televisão regional, que contribui para reforçar identidades local e o sentimento de pertencimento do público com o veículo.

5 – Referências

CANITTO, N. (2010). A televisão na Era Digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócio. São Paulo: Summus.

HALL, S. (2000) Identidade Cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP & A.

JOST, F. (2011). Novos comportamentos para antigas mídias ou antigos comportamentos para novas mídias? In: MATRIZES, Ano 4, nº2, jan./jun. São Paulo, p. 93-109.

KNEIPP, V. A. P.; SALES JÚNIOR, F. das C. (2020) O desenvolvimento da Televisão Brasileira: as fases de desenvolvimento da TV no Rio Grande do Norte. In: GOBBI, M. C. RENÓ, D. P. (Orgs). Reflexões sobre o Pensamento Comunicacional Latino-americano. 1ª edição – Aveiro: Ria Editorial. Recuperado de: <http://www.riaeditorial.com/index.php/reflexoes-sobre-o-pensamento-comunicacional-latino-americano/> > Acesso em 26 de abril de 2021.

KNEIPP, V. A. P. (org.). (2017). Trajetória da televisão no Rio Grande do Norte: a fase analógica. Rio Grande do Norte: Edufrn.

MATTOS, Sérgio. (2010). História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Editora Vozes, 5 ed. Ver. E ampl.

PEDROZA, Ciro José Peixoto. (2017). Ver + Aprender + Fazer / Canal 5: Anotações para uma história da primeira televisão do Rio Grande do Norte. In: KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos (org.). Trajetória da televisão no Rio Grande do Norte: a fase analógica. Rio Grande do Norte: Edufrn.

POSTAMAN, N. (2015). El humanismo de la ecologia de los medios. In: SCOLARI, Carlos. Ecologia de los medios: entornos, evoluciones e interpretaciones. Barcelona: Gedisa, pp. 97-108.

RENÓ, D. P. (2017). Media Ecology: de McLuhan a Manovich. Bauru: SP.

SALES JÚNIOR, F. das C.; KNEIPP, V. A. P. (2020). A televisão digital no Rio Grande do Norte: O encerramento das transmissões analógicas na Inter TV Cabugi. In: Revista Temática, João Pessoa, PB, V. 16 nº 12. P. 32-48. Recuperado de: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/56358> > Acesso em 26 de abril de 2021.

SCOLARI, C. A. (2015). Ecología de los medios: de la metáfora a la teoría (y más allá). In C. A. Scolari (Ed.), Ecología de los medios: Entornos, evoluciones e interpretaciones (Cap. 1, pp. 15-42). Barcelona: Gedisa.

WILLIAMS, R. (2016). Televisão: tecnologia e forma cultura. / Raymond Williams; tradução: Marcio Sarelle; Mario F. I. Virgílio. – 1 ed. – São Paulo: Boitempo: Belo Horizonte, MG: PUC Minas.

WOLF, M. (2015). Televisão é a nova televisão. Tradução: Ana Paula Corrandi, Guilherme Miranda, Luiza Leal da Cunha – 1 ed. – São Paulo: Globo.

Palavras-chaves: Televisão; RN; História da Mídia; Ecologia dos meios; Periodização.